

*Relatório de Pesquisa*

# Grupos Focais com lideranças comunitárias de Belo Horizonte e região metropolitana sobre ***Apropriação Tecnológica***



**iris**

INSTITUTO  
DE REFERÊNCIA  
EM INTERNET  
E SOCIEDADE

# Grupos Focais com lideranças comunitárias de Belo Horizonte e região metropolitana sobre ***Apropriação Tecnológica***

## **EQUIPE DE PESQUISA**

Ana Bárbara Gomes  
Glenda Dantas Cardozo  
Júlia Maria Caldeira Gertrudes  
Lucas Samuel da Silva  
Paulo Rená da Silva Santarém

## **REDAÇÃO**

Glenda Dantas Cardozo  
Júlia Maria Caldeira Gertrudes  
Lucas Samuel da Silva  
Paulo Rená da Silva Santarém

## **REVISÃO**

Ana Bárbara Gomes  
Fernanda dos Santos Rodrigues Silva

## **PROJETO GRÁFICO, CAPA, DIAGRAMAÇÃO E FINALIZAÇÃO**

Felipe Duarte  
Imagens de capa: freepik.com

## **COMO CITAR EM ABNT**

CARDOSO, Glenda Dantas; GERTRUDES, Júlia Maria Caldeira; DA SILVA, Lucas Samuel; SANTARÉM, Paulo Rená da Silva.

**Relatório de pesquisa:** Grupos Focais com lideranças comunitárias de Belo Horizonte e região metropolitana sobre Apropriação Tecnológica. Belo Horizonte: Instituto de Referência em Internet e Sociedade, 2024. Disponível em: <<https://bit.ly/3TsMpC8>>. Acesso em: dd mmm aaaa.



**INSTITUTO  
DE REFERÊNCIA  
EM INTERNET  
E SOCIEDADE**

**DIREÇÃO**

Ana Bárbara Gomes

Paloma Rocillo

**MEMBROS**

Felipe Duarte | Coordenador de Comunicação

Fernanda Rodrigues | Coordenadora de Pesquisa e Pesquisadora

Glenda Dantas | Pesquisadora

Júlia Caldeira | Pesquisadora

Lucas Samuel | Estagiário de pesquisa

Luiza Correa de Magalhães Dutra | Pesquisadora

Paulo Rená da Silva Santarém | Pesquisador

Rafaela Ferreira | Estagiária de pesquisa

Thais Moreira | Analista de Comunicação

Wilson Guilherme | Pesquisadore

[irisbh.com.br](http://irisbh.com.br)

# Sumário

<b>1.</b>	<b>APRESENTAÇÃO</b>	<b>5</b>
<b>2.</b>	<b>METODOLOGIA</b>	<b>6</b>
<b>3.</b>	<b>RESULTADOS</b>	<b>11</b>
	3.1. Sobre o uso cotidiano das TICs e percepção sobre apropriação tecnológica	11
	3.2. Sobre as TICs mais utilizadas no dia-a-dia de lideranças comunitárias	12
	3.3. Sobre o impacto das tecnologias digitais no cotidiano das lideranças comunitárias	13
	3.4. Sobre habilidades, competências e defasagens	14
	3.5. Sobre a relação das pessoas com consumo e produção de conteúdo online	15
	3.6. Sobre as demandas de aprendizagem para a oficina de capacitação	16
<b>4.</b>	<b>CONCLUSÃO</b>	<b>17</b>
<b>5.</b>	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>19</b>

# 1. Apresentação

O Instituto de Referência em Internet e Sociedade (IRIS) é um centro de pesquisa independente e interdisciplinar que produz e comunica conhecimento científico sobre temas de internet e sociedade, além de defender e fomentar políticas públicas em favor dos direitos humanos na área digital. Ao gerar insumos científicos, o IRIS busca qualificar e democratizar os debates sobre internet, sociedade e novas tecnologias digitais.

Na pauta específica de inclusão digital, aderimos à perspectiva teórica de que o tema se relaciona a três elementos essenciais: acesso à internet, letramento digital e apropriação tecnológica.<sup>1</sup> Todavia, em nossa atuação, percebemos que as políticas públicas brasileiras se atentaram majoritariamente para o provimento do acesso, mirando a universalização da infraestrutura e equipamentos. A negligência sistemática ao letramento digital e à apropriação tecnológica alimenta, entre outros problemas, desinformação, golpes financeiros, discurso de ódio e lesões a direitos de personalidade, além de danos mais agudos e diretos da desigualdade digital que recaem sobre grupos socialmente marginalizados e pessoas em situação de vulnerabilidade social.

Nesse contexto, e à luz da combinação da pedagogia da autonomia, do trabalho antropológico e da inclusão digital heterogênea, o IRIS iniciou o presente projeto “Caminhos Para Apropriação Tecnológica: Diversidades, Conteúdo e Direitos” com financiamento do TikTok para condução dos trabalhos de forma independente. A intenção é compreender a apropriação tecnológica em comunidades mediante a articulação de três frentes consecutivas: (i) pesquisa científica interdisciplinar; (ii) capacitação para produção de conteúdo digital; e (iii) incidência em políticas públicas.

Primeiro, o relatório “*Apropriação tecnológica no Brasil: uma perspectiva do Sul Global*” apresentou os resultados de uma revisão sistemática de artigos científicos, com o propósito de conhecer o tratamento acadêmico sobre a apropriação tecnológica no Brasil. Nessa fase, o levantamento de obras, a seleção criteriosa e a leitura de dezenas de artigos permitiram entender como se tem pesquisado o assunto e quais os resultados alcançados.

O presente documento compõe a fase de capacitação de lideranças para a produção de conteúdo digital como forma de apropriação das tecnologias de informação e comunicação (TICs) para o uso em suas comunidades. Este relatório consolida os resultados da realização de grupos focais que fundamentaram a elaboração dos módulos a serem trabalhados na capacitação. Tendo como marco teórico a articulação entre as etapas do trabalho etnográfico delineadas por Roberto Cardoso de Oliveira, a pedagogia da autonomia de Paulo Freire e a concepção heterogênea de inclusão digital de Marcelo Buzato, buscamos subsídios práticos para um ensino-aprendizado informado pela visão e experiência do público alvo da formação.

---

1 MORI, Cristina Kiomi. **Políticas públicas para inclusão digital no Brasil: aspectos institucionais e efetividade em iniciativas federais de disseminação de telecentros no período 2000-2010**. Tese (Doutorado em Política Social) – Universidade de Brasília: Brasília, 2011. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/10560>. Acesso em: 21 ago. 2023.

## 2. Metodologia

A técnica dos grupos focais se destaca por ser capaz de gerar resultados robustos em pouco tempo de pesquisa; são momentos que permitem a captação de opiniões, percepções e valores dos participantes, de forma colaborativa e que se aproxima, mas ao mesmo tempo se difere, de uma simples discussão ou entrevista semiestruturada. Como técnica de pesquisa qualitativa, se insere em um cenário de compreensão, descrição e análise da realidade a partir de um olhar científico. Na presente pesquisa, a técnica foi escolhida tendo em vista a possibilidade de se aproximar dos grupos selecionados e, assim, desenvolver um contato mais próximo e real com suas realidades previamente à fase seguinte do projeto - uma oficina de produção de conteúdo audiovisual.

Apesar das limitações metodológicas da técnica, os grupos foram suficientes para colher crenças, valores, percepções e opiniões válidas para a equipe de pesquisa principalmente na compreensão de como os participantes se relacionam com a apropriação tecnológica no dia-a-dia. Visto isso, a atividade com os grupos focais foi realizada tendo sete **objetivos específicos**:

- I. identificar a concepção das lideranças comunitárias sobre apropriação tecnológica;
- II. identificar como as pessoas já se apropriam da tecnologia em seu cotidiano;
- III. entender como os conteúdos digitais têm impactado no cotidiano das atividades como liderança comunitária.
- IV. compreender de quais habilidades e competências as pessoas precisam para alcançar uma maior apropriação tecnológica em seu cotidiano;
- V. selecionar demandas de aprendizagem para serem desenvolvidas na capacitação; e
- VI. compreender a relação das pessoas com o consumo e produção de conteúdo na internet.

Assim, para esta pesquisa, foi elaborado um roteiro de questões que direcionou toda a discussão, de modo que pudéssemos identificar as opiniões, padrões em respostas e as relação das perguntas com as realidades inerentes. Também, as interações discursivas, ou seja, as possíveis mudanças de ideia de acordo com as observações uns dos outros sobre pontos de vista divergentes. Apesar de o grupo ser heterogêneo, considerando que partem de territórios e repertórios distintos, a característica em comum é que eram todas pessoas que despontavam como lideranças comunitárias. Essa foi a deixa para selecionar e compor o grupo, de modo que alcançássemos respostas e formulássemos, da forma mais fidedigna possível, as concepções e percepções dos entrevistados em vista às questões apresentadas, o que posteriormente veio a ser fundamental para a construção dos conteúdos a serem trabalhados coletivamente na futura capacitação.

Nesse sentido, as perguntas foram organizadas em três blocos temáticos: apropriação e uso; habilidades e competências; e produção e consumo. No roteiro de orientação da conversa em grupo, algumas questões contavam com pontos adicionais para auxiliar a direcionar as pessoas participantes a abordarem aspectos caso eles não fossem citados espontaneamente.

Cabe ressaltar que o roteiro foi desenvolvido com o auxílio de uma consultoria, que sugeriu inclusões para ampliação e aprofundamento dos aportes práticos coletados durante os grupos focais. Assim, a versão final foi a seguinte:

## **BLOCO 1 - Concepção de apropriação tecnológica e uso das TICs nas atividades de liderança comunitária (Objetivos I, II e III)**

- 1. Como você usa as TICs nas suas atividades cotidianas de liderança comunitária?**
  - a. O que vocês entendem por tecnologia?
  - b. Como essas tecnologias aparecem na vida cotidiana de vocês?
  - c. Como vocês usam essas tecnologias no trabalho em comunidade?
  - d. Quais são os canais digitais e instrumentos utilizados pelas comunidades?
  - e. Quais são as vantagens e desvantagens?
- 2. Quais as principais tecnologias (digitais e “não digitais”) você usa no seu dia a dia de liderança comunitária? Como você acha que elas fazem a diferença?**
- 3. Independente das várias finalidades, você acha que existe um jeito ideal de usar essas tecnologias digitais?**
- 4. Você seria capaz de ensinar a alguém algum truque ou dica sobre o melhor uso de alguma dessas tecnologias digitais?**
  - a. O que essa pessoa faz errado e o que ela precisaria para usar melhor?
  - b. Na sua percepção, por que as pessoas não conseguem usar direito as TICs?
- 5. Como você acredita que as tecnologias que você utiliza poderiam ser melhor aproveitadas por você e sua comunidade?**
- 6. Você conhece alguém que já recebeu algum apoio da prefeitura, do governo ou de Brasília para usar melhor essas tecnologias digitais?**

- a. Haveria algum apoio desse tipo que você poderia receber?
- b. Na sua percepção, o que poderia ser feito pelo governo para ajudar ou promover um melhor uso das tecnologias digitais?

## **BLOCO 2 - Identificando habilidades, competências e defasagens no uso de TICs digitais (Objetivos IV e V)**

- 7. Como você escolhe qual rede social online usar para publicar seus conteúdos?**
- 8. Como você seleciona as fontes de informação ao produzir seu conteúdo digital?**
- 9. Você costuma consumir conteúdos diferentes das mesmas pessoas ou conteúdos do mesmo tipo de pessoas diferentes?**
- 10. Como você analisa a veracidade dos conteúdos que consome na Internet?**

## **BLOCO 3 - Relações com a produção e consumo de conteúdo digital na internet(Objetivo VI)**

- 11. Quais tipo de conteúdo você consome na Internet? Como você os utiliza?**
- 12. Você produz conteúdos para a Internet?**
  - a. Desde quando?
  - b. Quais tipos?
  - c. Quais seus resultados?

### **13. Você se enxerga nos conteúdos que consome na Internet?**

- a. Falta ser abordado algum tipo de tema?
- b. Você poderia produzir conteúdos sobre os temas que considera faltar na Internet?

### **14. Que tipos de conteúdos você gostaria de ver sendo ofertados na capacitação que iremos realizar?**

Na etapa de preparação da equipe, por sua vez, a bibliografia sobre a metodologia foi um recurso importante. Essa etapa serviu para a apropriação da metodologia por parte da equipe e para compreendê-la conceitualmente, entre suas possibilidades e limitações. Almeida, 2016 define a técnica de grupos focais como:



*(...) uma técnica de pesquisa de caráter qualitativo que procura apreender concepções e percepções das pessoas sobre determinado assunto ou tema. Essas concepções e percepções são obtidas em interação discursiva com um grupo de pessoas desconhecidas, mas com perfil determinado e por um tempo preestabelecido, sob a moderação de um pesquisador.<sup>2</sup>*

Ademais, os autores colocam que o grupo focal é uma situação de conversação criada artificialmente, tendo por objetivo explorar as percepções, ideias e opiniões sobre um tema específico, necessitando assim de um bom roteiro. Em regra, as pessoas não se conhecem, para diminuir as “externalidades”. Destacam também o papel do moderador, responsável por dar ritmo à conversação, equilibrando-a e direcionando o debate no sentido das questões propostas; para isso, ele deve conhecer bem o roteiro.

Para este projeto, dezesseis pessoas (12 mulheres e 4 homens) foram convidadas pela equipe de pesquisa para compor os três grupos focais. Algumas das lideranças comunitárias já haviam participado de um [projeto anterior de inclusão digital desenvolvido pelo IRIS](#), outras foram indicadas por lideranças que haviam participado.

Cada um dos três grupos focais se reuniu uma única vez. As três reuniões, com a presença de quatro integrantes da equipe de pesquisa, foram realizadas no Espaço Click (parte da Secretaria Municipal de Educação), em Belo Horizonte (MG), nos dias 31 de agosto, 1º e 04 de setembro, sempre a partir das 18h30, com duração de cerca de duas horas cada. Respectivamente compareceram sete, cinco e quatro participantes. Houve registro de presença, mas o sigilo dos nomes das pessoas será preservado.

As cadeiras foram dispostas de modo que as lideranças comunitárias se sentassem em roda, da qual faziam parte também duas pessoas da equipe de pesquisa, responsáveis por conduzir a conversa enquanto moderadora e assistente. Duas outras pessoas da equipe, sentadas fora da roda, se dedicaram a acompanhar as respostas fazendo anotações. Além disso, com o consentimento dos participantes, as conversas foram registradas para consulta posterior.

---

2 ALMEIDA, Ronaldo de. Introdução aos métodos quantitativos em Ciências Sociais. In: CEBRAP. Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais: Bloco Quantitativo. São Paulo: Sesc/CEBRAP, 2016, p.53

## Imagem 1: disposição do grupo para a realização do grupo focal. 31 de agosto de 2023.



Fonte: arquivo pessoal da equipe.

No início de cada grupo focal, a equipe contextualizou o momento e ambientou as pessoas participantes. Começou com uma apresentação de cada integrante da equipe e uma explicação breve sobre o projeto, as intenções da pesquisa e os objetivos do uso da técnica de grupo focal, além da demanda por consentimento para a gravação do áudio para fins de pesquisa.

Em seguida, pediu uma apresentação de cada liderança presente, como um quebra gelo, de modo que as pessoas ficassem mais à vontade ao informarem e conhecerem mais sobre suas trajetórias individuais e as atividades em suas respectivas comunidades. As pessoas foram convidadas a expor o significado de ser uma liderança comunitária, suas memórias e reflexões sobre ser uma liderança comunitária antes das tecnologias digitais atuais e o que mudou a partir de sua incorporação.

Após esse momento inicial, realizou-se a dinâmica através das perguntas mencionadas acima, de modo que não foi estipulado tempo para as respostas e também não houve ordem definida para os respondentes. Nesse sentido, ao mediador fazer a pergunta, a pessoa que se sentisse à vontade, começava a respondê-la e todos seguiam o curso da discussão. Não havia obrigatoriedade de todas as pessoas responderem a todas as perguntas.

Durante a execução do grupo focal foi observado que houve momentos em que os entrevistados dispersaram do foco da pergunta. Para evitar isso, as estratégias adotadas foram as seguintes: 1) inserir uma nova pergunta relacionada com os objetivos do grupo focal e a partir de observação de respostas dos entrevistados; e 2) refazer a pergunta inicial enfatizando o seu objetivo pretendido.

## 3. Resultados

A seguir, a fim de sistematizar as diversas manifestações das dezesseis pessoas que participaram dos três grupos focais, serão consolidados os sentidos coletados, organizados em torno dos seis objetivos específicos assumidos pela equipe de pesquisa na adoção dessa técnica de produção de dados.

### 3.1. Sobre o uso cotidiano das TICs e percepção sobre apropriação tecnológica

O presente tópico se refere às respostas dadas a partir do Bloco I do roteiro, mais especificamente quanto à pergunta 1 e seus subtópicos, que versavam sobre a percepção dos participantes sobre o uso das TICs nas suas atividades cotidianas de lideranças comunitárias e suas próprias percepções do que é tecnologia. Ademais, foi incluída no roteiro a questão “Para você, o que é apropriação tecnológica?”. Assim, a partir da aglutinação das contribuições das lideranças comunitárias, pode-se consolidar que, em termos de uma definição conceitual que emerge dos grupos focais, com elementos constitutivos e distintivos, a **apropriação tecnológica significa conhecimento, familiaridade e controle da tecnologia, aplicando-a com sabedoria, eficiência e propriedade para resolver problemas ou atingir outros objetivos.**

Os elementos constitutivos desta definição foram definidos por um esforço nosso, a partir do que identificou-se com certa consonância nas muitas falas das pessoas nos três grupos. Algumas pessoas formularam abordagens idealizantes, de que “*Se apropriar é usar para o bem, moralmente falando*”. Mas, em geral, entendeu-se que não se trata de um conhecimento sobre as ferramentas e ensinamentos sobre técnicas, mas depende de um aprendizado com o tempo e de um costume que permita superar e abrir novas perspectivas de uso. Assim, as condições econômicas foram apontadas como elementar, no sentido de que as pessoas precisam ter o acesso frequente à tecnologia para poderem se apropriar delas.

Entre os exemplos práticos de apropriação tecnológica indicados, destacou-se o uso do recurso do “status” do WhatsApp para a venda de pastéis. Em outra vertente, apontou-se uma ocasião em que tablets em um centro de saúde estavam sem conexão à internet, impedindo o acesso aos formulários, pois o papel havia sido substituído.

Cabe ressaltar que, nos três dias, a partir de uma inicial provocação sobre uma visão ampla da ideia de tecnologia, os três grupos, por caminhos distintos, chegaram à reflexão de que não se deve restringir o conceito às novidades digitais, reconhecendo também como tecnologias outras muitas expressões culturais de inteligência e conquistas, que permitem a adaptação das pessoas às muitas mudanças do mundo: coletivismo,

medicina, papel, água encanada, eletricidade, eletrodomésticos, etc. E o trecho a seguir da fala de um dos participantes resume esta ideia:

“Deve-se pensar também que tecnologia é além do digital, é o conhecimento para a vida humana e não humana.”

### 3.2. Sobre as TICs mais utilizadas no dia-a-dia de lideranças comunitárias

Ainda se referindo ao Bloco 1, o presente tópico explora principalmente as respostas das perguntas 2, 3 e 5, as quais se voltam aos tipos de tecnologias digitais e não digitais utilizadas em comunidade e as maneiras como tais são e poderiam ser melhor utilizadas.

Dito isso, discutiu-se que, antes das tecnologias digitais atuais, ser uma liderança comunitária era ainda mais desafiador. E não faz muito tempo, segundo os participantes, o acesso a essas mesmas tecnologias era limitado devido ao alto custo de dispositivos e da precariedade da qualidade da conexão à internet, em especial na época da conexão discada, com destaque para áreas distantes dos centros urbanos. Soma-se a isso a falta de interesse político. Em comunidades indígenas em particular, segundo um dos participantes, as telecomunicações envolviam rádios de válvula e a pilha, telegramas e cartas. A comunicação era restrita, pois as tecnologias disponíveis eram “artesaniais”, analógicas e com funcionalidades limitadas.

Uma outra percepção observada é a de que a divulgação de eventos nas comunidades era feita primordialmente por cartazes físicos, panfletos e alto-falantes em postes, cujos limites técnicos eram compensados pelo alcance mais homogêneo e democrático da mensagem. Atualmente, cada comunidade tem um grupo de WhatsApp, mas as mensagens se perdem facilmente do campo de visão.

Hoje, chamar para eventos e mobilizações ou transmitir comunicados por meio das redes sociais tem menos alcance, pois exclui quem não tem computador, ou não tem familiaridade com cada uma das plataformas, exigindo mais esforços e paciência das lideranças para a comunicação e das pessoas para o aprendizado constante, em particular a terceira idade. Ficou-se evidenciado nas respostas dos participantes que, além da evidente exigência de infraestrutura de conexão (instalada pelo Estado sem diálogo com a comunidade) e de qualidade do sinal, faz-se central a produção de comunicações diretas e rápidas, em razão da concorrência pela atenção das pessoas.

Uma das participantes comentou que “um dos pontos negativos das tecnologias é quando ao invés de incluir, ela exclui, porque muitos ficam excluídos mesmo dentro de territórios de maior vulnerabilidade social”, e durante a discussão que sucedeu esta fala, as lideranças enumeraram diversas desigualdades sociais que acarretam em um baixíssimo letramento digital, desde o analfabetismo, até a falta de acesso a dispositivos digitais e a conexão de internet.

Dentre os benefícios elencados, destacaram que as facilidades empolgaram e gerou a otimização de processos burocráticos e simplificou serviços públicos. Todavia, permitiu diversas novas formas de mau uso, e o excesso de telas também prejudica a concentração e a convivência com diferenças.

### 3.3. Sobre o impacto das tecnologias digitais no cotidiano das lideranças comunitárias

Este tópico aborda as respostas dadas a partir de perguntas do Bloco I, com foco para a 4 e suas sub-perguntas. A partir delas, foi possível refletir sobre como as tecnologias digitais transformaram as atividades de liderança comunitária de diversas maneiras. Argumentou-se que o espaço de atuação se expandiu, permitindo buscar outras lideranças como referência e divulgar a identidade e o posicionamento político na internet. Refletiram, ainda, que o acesso à informação é poderoso na construção de autonomia para as comunidades.

Foi falado, no entanto, que essa mudança também envolveu a superação de outras possibilidades, como modos de se comunicar anteriores às tecnologias digitais, e a predominância das redes sociais. Essa constatação indicou potencialidades, mas também desafios, conforme identificado nas respostas de dois dos participantes.

*“Acho que o maior impacto observado é na comunicação. Hoje temos uma comunicação muito mais direta, mais rápida e mais eficaz. E também a otimização de processos, como questões burocráticas que facilitou com a tecnologia [...]. Hoje a gente consegue fazer a informação chegar a um número muito maior de pessoas, de forma mais rápida e mais fácil.”*

Discutiu-se que a tecnologia reforçou o que já sabíamos, ao mesmo tempo que trouxe novos obstáculos, como o testemunho de que ter um tablet sem acesso à internet não ajudava a comunidade:

*“Apesar de ser mais eficaz a comunicação hoje, tem contextos de a tecnologia não estar a nosso favor. Por exemplo, muitas pessoas não conseguem alcançar esses benefícios porque não tem acesso já que a internet não chega em determinado lugar ou não tem dinheiro para por crédito.”*

Os entrevistados informaram que houve inovação e aprendizado para aqueles que já estavam avançados, mas também a necessidade de auxiliar pessoas da comunidade a usar aplicativos como o WhatsApp de forma segura e identificar *fake news*. Concluíram que o desconhecimento de como utilizar essas ferramentas pode resultar em más

práticas que comprometem a segurança digital. Além disso, argumentou-se que a tecnologia se tornou um meio para captar recursos, tanto humanos quanto financeiros, e permitiu uma melhor adaptação a ela, embora ainda haja desafios, especialmente para as pessoas mais velhas sem educação formal. Houve um consenso na percepção de que é preciso avançar no sentido de tornar a tecnologia acessível a todos na comunidade.

### 3.4. Sobre habilidades, competências e defasagens

O presente tópico aborda as respostas dadas às perguntas do Bloco 2, o qual discorre sobre a escolha de redes sociais pelos participantes, a seleção de fontes de informação e o consumo de conteúdos no geral.

Tendo isso em vista, foi unânime entre os participantes que o melhor uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) requer habilidades, competências e superação de defasagens. Apontaram ainda que há carência de interesse político em promover o acesso à internet em comunidades e que a multiplicidade de aplicativos para diferentes situações desafia a adaptabilidade. Dentre os riscos observados, apontou-se: aumento da impaciência, vício, afastamento de entes queridos e o uso excessivo do celular como uma espécie de babá eletrônica.

Muitas pessoas se adaptaram ao WhatsApp, mas é necessário ensinar seu uso a outras que ainda não o dominam. O cuidado com *fake news* e a prevenção de envio de mensagens equivocadas são cruciais. Para fazer um uso mais eficaz das TICs, foi apontado como fundamental a adoção de algumas boas práticas.

Dentre as boas práticas sugeridas pelos participantes, aparece, primeiro, a de aprender a usar diferentes aplicativos e serviços digitais. Além disso, buscar informações diretamente das fontes primárias e em fontes oficiais, pois não se deve confiar cegamente nas redes sociais, sendo necessário ter ceticismo, inclusive em relação à Wikipédia, e verificar informações por meio de diversas fontes confiáveis ao pesquisar online, explorando a multiplicidade de mídias e indo além do smartphone. Nessa linha de segurança digital, listou-se como algo importante não clicar em links suspeitos que chegam pelo WhatsApp ou links de anúncios, incluindo os pop-ups, para fugir de golpes e fraudes.

Ainda, valorizou-se o cuidado contra a exploração de dados pessoais para fins publicitários ou políticos, e a capacidade de manter em sigilo conhecimentos tradicionais e sagrados das práticas culturais. A ergonomia e a atenção ao horário e tempo de uso das telas também foram considerados relevantes. Ressaltou-se que não apenas consumir, mas também criar conteúdo é uma forma de participação ativa nas TICs. Muitas vezes, são as gerações mais jovens que lideram na criação de conteúdo, como filmes e documentários, o que demonstra a capacidade de inovação e expressão nesse meio digital.

Sobre defasagens, as questões de classe e de localidade urbana foram enumeradas

como fatores de desigualdades tanto a baixa disponibilidade de sinal de qualidade para a conexão à Internet, cuja oferta depende de políticas públicas que normalmente vêm de cima pra baixo, sem diálogo com lideranças da comunidade; quanto a diferença nas possibilidades de exploração das tecnologias no uso cotidiano até o alcance da familiaridade com os dispositivos e sistemas. O fator idade também foi apontado como um entrave, seja para pessoas mais velhas que teriam dificuldades em utilizar as tecnologias, seja para pessoas mais jovens, que por terem mais familiaridade e despenderem mais tempo de uso com as tecnologias digitais, estariam mais afastados de tradições e ativismos comunitários, e de outros modos de se comunicar.

### 3.5. Sobre a relação das pessoas com consumo e produção de conteúdo online

O presente tópico explora as respostas das perguntas do terceiro e último bloco, as quais se voltam para o tipo de conteúdo que as pessoas consomem e produzem na internet, além da identificação que elas estabelecem com tais. Assim, pode-se afirmar que na produção de conteúdo digital, além de material acadêmico e conteúdo escolar de pessoas em atividades formais de educação, há pessoas que produzem principalmente textos sobre a própria comunidade, com notícias e análises locais, mas também podcasts. Algumas pessoas também se envolvem em campanhas eleitorais ou manifestações políticas e militância por causas sociais, ou apenas criam fotos e imagens para o WhatsApp.

Quanto ao consumo, relatou-se preocupação com o conhecimento de crianças e adolescentes, que se limita a saber acessar redes sociais e jogos, mas não sabem utilizar o computador para outras finalidades, e muitas vezes nem sabem ler. As lideranças disseram preferir seguir e acompanhar nas redes sociais pessoas conhecidas a celebridades, e houve divergências sobre o interesse em ter muitos seguidores ou não.

Em termos de representatividade, muitos afirmam se enxergar nos conteúdos online, e alguns disseram encontrar tudo o que procuram. Todavia, quando instigados a pensar criticamente sobre o que não está disponível, disseram sentir falta de serem abordados políticas públicas do governo para as comunidades, projetos de proteção à natureza da comunidade, informações de cuidado corporal, dicas para cabelos cacheados e crespos, de educação sexual para público LGBTQIAP+, uso de mais linguagem informal para conhecimentos tradicionais cotidianos.

Sugeriu-se que as pessoas sem acesso a internet deveriam poder se apoderar dela e expor as dificuldades de suas realidades. Em específico, apontou-se a ausência de aspectos positivos e belos sobre as culturas indígenas, como áudios e vídeos nos idiomas indígenas ou uma biblioteca etnolinguística, iniciativas que pudessem promover respeito às diferenças e especificidades, preservando as identidades das muitas comunidades, mas sem engessar a diversidade em estereótipos imutáveis.

Diante da questão sobre a capacidade de produzir esses conteúdos que faltam, houve ceticismo sobre a atratividade e interesse para as plataformas digitais. Falou-se sobre um desânimo com vídeos caprichados, até com terceirização profissional da edição, mas que não rendem a expectativa de visualizações, em razão de filtros e algoritmos que limitam os criadores que os celulares mostram. De maneira mais grave, houve uma menção ao risco de vida ao denunciar problemas sociais nas redes, além de insegurança por perseguições e ameaças decorrentes de disputa por território e pela situação de vulnerabilidade de determinadas comunidades.

A partir dessa reflexão sobre temas que não contam com a devida atenção, foi citada também uma preocupação com conteúdos decorrentes de apropriação cultural, ou seja, pessoas que não são originárias nem mesmo vivenciam uma tradição, por exemplo, africana, e produzem conteúdo com técnica, mas sem propriedade, expondo a essência sem os cuidados adequados com questões como segredos sagrados, aspectos privados internos ou mistérios estratégicos e ritualísticos que não deveriam sequer ser divulgados. O uso da religiosidade para gerar engajamento foi contestado e citou-se o exemplo de um curso de benzedeira oferecido online - exemplificando uma situação de instrumentalização questionável dos saberes e práticas de povos tradicionais.

Nesse sentido, compreendem que a internet vende uma realidade parcial, que nem sempre reflete a verdade em sua integralidade. Há ciência sobre a grande distância entre o que existe e o que deveria haver. Além disso, manifestou-se uma preocupação com a disseminação na Internet de desinformação por negacionistas, mas também com quem usa para falar bobagem, dar indiretas, falar mal de outras pessoas e agredir moralmente.

### 3.6. Sobre as demandas de aprendizagem para a oficina de capacitação

Por fim, este último tópico contempla a última pergunta, a qual se refere aos conteúdos que os participantes gostariam de ver sendo ofertados na capacitação. Os grupos focais, de maneira geral, não expressaram diretamente a necessidade de desenvolver habilidades para a produção de conteúdo audiovisual, entretanto disseram reiteradas vezes sobre o desejo de publicizar conhecimentos e informações online e de ter maior alcance de público em postagens em redes sociais. Observando os tipos de conteúdos consumidos pelos entrevistados, concluímos que os vídeos curtos estão entre os principais. A respeito de desejos, carências e interesses, pode-se considerar que as lideranças comunitárias têm diversas demandas que podem ser objeto de uma capacitação técnica nessa área.

Antes, no entanto, faz-se premente ressaltar a problematização da baixa qualidade do sinal de internet. Esse desafio comum até pode ser superado com algumas técnicas de otimização de conexão sem fio, contornando obstáculos físicos, mas sem dúvida se



trata de um elemento a ser abordado por meio de políticas públicas de inclusão digital que possam minimamente garantir infraestruturas de conexão adequadas e que não decorram de visões comerciais, mas de prioridades do interesse público.

Muitos disseram desejar aprender mais para melhor divulgar conteúdos relevantes para suas comunidades, o que envolve habilidades procedimentais para o uso de recursos disponíveis para as muitas etapas de produção e compartilhamento eficiente de conteúdo digital nas redes sociais. Para criar mídias audiovisuais envolventes, é importante dominar técnicas de edição, narrativa, enquadramento, som e roteirização. Além disso, estratégias como definir e compreender o público-alvo, contar histórias cativantes e ter noções básicas de design gráfico também podem se mostrar úteis.

Foi apontado que a disposição da terceira idade para aprender é notável, mas que atender a essa necessidade pode envolver programas específicos de inclusão digital, em razão da dinâmica própria de aprendizado. Por outro lado, crianças e adolescentes teriam outras particularidades, exigindo planejamento para cativá-las por meio do entretenimento.

Dominar a tecnologia da informação é crucial, visto que algumas pessoas ainda não sabem como usar a internet de forma crítica, autônoma e segura. Portanto, uma oficina de capacitação foi destacada como uma oportunidade valiosa para abordar essas questões e fortalecer as habilidades das lideranças comunitárias, observando suas próprias necessidades.

## 4. Conclusão

De forma conclusiva, tem-se que os grupos focais realizados cumpriram os objetivos pretendidos. Além de terem sido um importante momento de aproximação e exploração do diálogo com os participantes, a atividade proveu importantes percepções para a realização da capacitação realizada pela equipe, principalmente a respeito das defasagens e pontos de atenção no cenário da apropriação tecnológica.

Assim, dentre as principais conclusões obtidas após a realização dos três encontros, é possível destacar as seguintes: ao serem questionados sobre o conceito de apropriação tecnológica, os participantes evocaram definições diferentes daquelas consagradas em materiais acadêmicos; no entanto, sem fugir do escopo e das noções já existentes. Por sua vez, para discorrer sobre o conceito, usaram exemplos e vivências experienciadas no dia-a-dia da liderança comunitária, evocando exemplos sobre como as TICs podem ser ou deveriam ser aproveitadas - sejam elas digitais ou não. Colher essas visões foi importante para a equipe, visto que partiram de uma perspectiva que traz acúmulo e criticidade, seja ao trazer comparações de contextos anteriores, em que o uso da internet era menos desenvolvido do que na atualidade, ou a partir de relatos sobre realidades em que, embora atuais, os indivíduos não são totalmente incluídos digitalmente, seja por baixo letramento ou condições menos favorecidas economicamente.

Outro ponto importante para fins conclusivos foi quanto à relação dos participantes com o consumo e produção de conteúdos audiovisuais. Embora a maior parte tenha redes sociais e esteja acostumada com o consumo de informações diversas, foi observado que existe uma carência tanto no manejo de ferramentas para encontrar conteúdos mais específicos e que promovem identificação quanto na produção de vídeos curtos. Assim, em diversos momentos foi apontado como os participantes não conseguiam se ver nos conteúdos consumidos e não se enxergavam como produtores de conteúdo, seja por falta de habilidades, identificação ou interesse. Esse foi um dos principais pontos selecionados pela equipe para ser explorado durante a capacitação, visto que o objetivo desta foi justamente a produção de conteúdos com foco em vídeos curtos.

Por fim, foi possível observar também defasagens e dificuldades de caráter mais geral, a exemplo do baixo letramento digital e dificuldades rotineiras quanto ao uso e acesso da internet, voltados à situações de vulnerabilidade, sejam elas econômicas, demográficas ou mesmo de viés social, como racismos e violências em comunidade. Assim, concluiu-se que os grupos focais foram proveitosos e essenciais para a continuidade do projeto, principalmente pela aproximação com os participantes e os momentos de diálogo, aprendizagem e aproximação com o grupo - fundamental para construir um ambiente de segurança e fortalecer redes.

Espera-se que este relatório possa servir de inspiração para outras atividades similares e que seja uma oportunidade de aprofundamento em pontos que não estão explorados neste documento. A forma como foi empregada a metodologia pode ser replicada para outras atividades que envolvam conceber as diversas formas de emprego e uso das tecnologias de informação e comunicação para públicos diversos, não limitando-se apenas ao grupo temático das lideranças comunitárias, que foi o foco desta pesquisa.

## 5. Referências bibliográficas

ALMEIDA, Ronaldo de. Roteiro para o emprego de grupos focais. ABDAL, Alexandre et al. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais: Bloco Qualitativo**. Sesc São Paulo/CEBRAP: São Paulo, 2016, pp. 42-59. P. 9

ALMEIDA, Ronaldo de. Introdução aos métodos quantitativos em Ciências Sociais. In: CEBRAP. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais: Bloco Quantitativo**. São Paulo: Sesc/CEBRAP, 2016, p.53

ALONSO, Ângela. Métodos qualitativos de pesquisa: uma introdução. ABDAL, Alexandre et al. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais: Bloco Qualitativo**. Sesc São Paulo/CEBRAP: São Paulo, 2016, pp. 8-23. P. 8

ALONSO, Ângela. Métodos qualitativos de pesquisa: uma introdução. ABDAL, Alexandre et al. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais: Bloco Qualitativo**. Sesc São Paulo/CEBRAP: São Paulo, 2016, pp. 8-23. P. 9

KINALSKI, Daniela Dal Forno et al. Grupo focal na pesquisa qualitativa: relato de experiência. **Revista brasileira de Enfermagem**, v. 70, pp. 424-429, 2017.

MORI, Cristina Kiomi. **Políticas públicas para inclusão digital no Brasil: aspectos institucionais e efetividade em iniciativas federais de disseminação de telecentros no período 2000-2010**. Tese (Doutorado em Política Social) – Universidade de Brasília: Brasília, 2011. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/10560>. Acesso em: 21 ago. 2023.



INSTITUTO  
DE REFERÊNCIA  
EM INTERNET  
E SOCIEDADE